

VOOS NA SABEDORIA: O ENSINO DO PATXÔHÃ NA  
ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA KIJETXAWÊ ZABELÊ<sup>1</sup>

FLIGHTS IN WISDOM: THE TEACHING OF PATXÔHÃ  
IN ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA KIJETXAWÊ ZABELÊ

Cristiane Maria de OLIVEIRA<sup>2</sup>

Francisco Vanderlei Ferreira da COSTA<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Artigo dedicado aos Troncos Velhos das aldeias Pataxó de Cumuruxatiba e em particular aos da Aldeia Kaí.

<sup>2</sup> Docente e pesquisadora Pataxó. E-mail: <cris.cumuru@hotmail.com>.

<sup>3</sup> Docente e pesquisador da licenciatura Intercultural Indígena do Instituto Federal da Bahia. <franciscovandof@gmail.com>.



## RESUMO

As práticas pedagógicas são o tema central deste estudo. Práticas que são empreendidas por docentes e por outros agentes na comunidade Pataxó para o ensino da língua Patxôhã. Essa maneira de prática docente, inovadora para os padrões ocidentais, é a metodologia escolhida por esse grupo indígena para trabalhar a revitalização/retomada de sua língua ancestral. E essa metodologia de ensino é uma política linguística própria e decolonial. Assim, a partir da experiência docente e de gestão em uma escola Pataxó, o texto procura explicar a política linguística construída por essa comunidade indígena para que a língua Patxôhã possa transpor os muros da escola e se tornar uma língua da comunidade. Os exemplos que são citados definem uma postura epistêmica autônoma e definitiva para que as propostas pedagógicas possam assumir uma postura étnica. Desta forma, os saberes e os posicionamentos do grupo quanto ao ensino de língua são os elementos centrais deste debate.

## PALAVRAS-CHAVE

língua Patxôhã; ensino de língua; política linguística; decolonial.

## ABSTRACT

Pedagogical practices are the central theme of this study. Practices that are undertaken by teachers and other agents in the Pataxó community to teach the Patxôhã language. This way of teaching practice, innovative by Western standards, is the methodology chosen by this indigenous group to work on the revitalization/recovery of their ancestral language. And this teaching methodology is its own decolonial linguistic policy. Thus, based on

the teaching and management experience in a Pataxó school, the text seeks to explain the linguistic policy constructed by this indigenous community so that the Patxôhã language can move the walls of the school and become a community language. The examples cited define an autonomous and definitive epistemic stance so that pedagogical proposals can have an ethnic stance. Thus, the knowledge and positions of the group regarding language teaching are the central elements of this debate.

### KEYWORDS

Patxôhã language; language teaching; language policy; decolonial.

Figura 1 – Zabelê



Obra “Zabelê”, artista Zig Pataxó, técnica aquarela. Colocamos como epígrafe deste trabalho a obra em homenagem e agradecimento à nossa guerreira Zabelê, grande incentivadora na retomada do *Patxohã*.

Fonte: Zig Pataxó.



## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo parte do envolvimento da autora com a temática do Ensino de língua indígena Pataxó na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, no município de Prado - BA e reverbera na experiência do outro autor na vivência e na pesquisa com revitalização/retomada de língua no Nordeste do Brasil (COSTA, 2014). Estudo que pode muito bem ser considerado como um tipo de pesquisa-ação, nos termos definidos por René Barbier (1996), se considerarmos o grau de implicação de quem o produziu e aqui descreve um percurso. Na Pesquisa-ação, conforme assinalam Pimenta & Franco (2008), o(a) pesquisador(a) tem a possibilidade de refletir sobre sua prática, tendo a pesquisa um caráter coletivo numa relação próxima entre a teoria e a prática. Segundo Engel (2000):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, “não-reativa” e “objetiva”. Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta (p. 182)

Assim, essa pesquisa compreende não só uma reflexão sobre uma prática de uma professora da Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, mas também a participação dela enquanto pesquisadora no grupo de pesquisa *Atxohã*<sup>4</sup>, com a colaboração de outros parentes também pesquisadores.

É bom registrar que, situadas na fronteira da exclusão, mais de 300 famílias do Povo Pataxó completam mais uma década de luta por suas

---

<sup>4</sup> Grupo Pataxó para estudo da revitalização/retomada e ensino da língua Patxohã.



terras imemorais nas aldeias de Cumuruxatiba. E, de modo igualmente determinado, lutam para recuperar, revitalizar e reinserir, no cotidiano da comunidade, saberes e práticas tradicionais herdadas de seus antepassados. Muitos destes saberes e práticas estão ameaçados de cair em desuso, sendo esquecidos na memória coletiva do grupo que sobreviveu aos sucessivos massacres ocorridos.

Desta forma, essa pesquisa também tem uma inspiração auto-etnográfica ao partir da experiência pessoal e coletiva na construção de elementos decoloniais no ato de pesquisar. Para Fortin (2009):

A auto-etnografia (próxima da autobiografia, dos relatórios sobre si, das histórias de vida, dos relatos anedóticos) se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si (FORTIN, 2009, p. 83).

Decidimos, portanto, desenvolver esta escrita, a partir das observações da autora Cristiane Oliveira realizadas durante as reuniões pedagógicas. Nestas participações, era latente as inquietações dos professores que reclamavam do pouco recurso que a escola apresentava para o trabalho com o ensino de língua *Patxôhã*. Também havia as conversas com as pessoas na comunidade, nas quais ficava expressa uma avaliação negativa quanto ao ensino de língua, considerando-o bastante fraco (adjetivo dado pela própria comunidade).

Percebemos, então, que era válido mostrar à comunidade que todos poderiam se envolver com o ensino da língua Pataxó. Não deixando essa responsabilidade somente para a escola indígena (OLIVEIRA, 2020).

Assim, na escola indígena, os aprendizes poderiam perceber, sentir e ser sujeitos de sua própria aprendizagem, favorecendo suas interações no



ato de estar diretamente em contato com o *Patxôhã*. Era possível verificar que a proximidade entre comunidade e escola favorecia o processo de ensino da língua, pois as crianças, os jovens e os adultos aprendiam melhor em contato com aos seus respectivos professores, mas também com a presença dos velhos das comunidades.

Tal proximidade favoreceria a pesquisa, o questionar, o argumentar e o formular, trazendo as opiniões dos velhos, das lideranças e da comunidade em geral para o centro do processo de aprendizagem da língua do povo Pataxó.

As propostas apresentadas ultrapassam o impresso no papel, trazendo como recurso algumas diferentes práticas de ensino de língua *Patxôhã*, pois partem das pesquisas com os velhos e com os professores da educação escolar indígena e resultaram em relatos que podem se tornar materiais didáticos interculturais.

Almejamos perceber a maneira como a língua Pataxó é ensinada e a importância de se inserir novas metodologias no ensino da língua *Patxôhã*. Isso pode se dar com o auxílio de materiais didáticos escritos em *Patxôhã* e discussões propostas pelos próprios professores e demais membros da comunidade em relação ao uso desses materiais.

Este trabalho mostra uma reflexão sobre as atividades pedagógicas propostas em uma escola/comunidade Pataxó, comunidade essa que vem tentando trabalhar em conjunto para desenvolver etnometodologias de ensino da língua Pataxó. A comunidade em questão encontra-se em Cumuruxatiba, na aldeia Kaí, Município de Prado - Bahia. A pesquisa que resultou neste artigo foi realizada na aldeia Kaí, na Terra Comexatiba no Território (TI) Kaí Pequi.

A pesquisa foi feita a partir de entrevistas com professores de língua indígena. Eles expressaram as facilidades e as dificuldades encontradas no

decorrer do tempo em que trabalham nesse contexto com a língua Pataxó, além de apresentar metodologias usadas e desenvolvidas durante esse período de trabalho.

Para falarmos de ensino de língua Pataxó, não podemos deixar de mencionar as maneiras que se pode obter o conhecimento da língua e qual a importância de analisar as metodologias de ensino existentes para que ocorra a aprendizagem. Vale dizer ainda que em alguns momentos estaremos utilizando **língua Patxôhã** e em outros **língua Pataxó**. A expressão língua Pataxó é mais comum com os idosos, diferente da expressão *Patxôhã*, mais utilizada entre os professores e pesquisadores. Com os mais velhos é mais usual a frase “vamos cortar na língua Pataxó” para se dizer que não vai falar na língua portuguesa, contudo, o uso das duas expressões aqui não tem o intuito de uma sobrepor à outra, ao contrário, o objetivo é mostrar que há diferentes formas de nomear a língua nas comunidades.

Este texto apresenta etnometodologias utilizadas pelos professores indígenas em sala de aula, sendo essas de fundamental importância para que ocorra ou não uma aprendizagem significativa para o aluno, uma vez que as aulas da língua Pataxó envolvem dos mais diversos conhecimentos, que auxiliam o aluno em seu dia-a-dia não apenas em questão da língua trabalhada, mas também sobre a sua cultura. As etnometodologias de ensino de língua Pataxó podem ser vistas como orientações para que os professores comecem a refletir sobre os processos de ensino envolvidos, possibilitando construir outras metodologias pela sua prática diária. O trabalho traz como exemplo Dona Zabelê, um dos troncos linguísticos que tanto lutaram para que a língua Pataxó permanecesse viva na memória de seu povo.



## 2. A LUTA PELA LÍNGUA INDÍGENA

*“A linguagem é o espaço onde o ser humano busca dar sentido à sua própria existência”*

*(Jocelino Tupinikim)*

Para discutir o ensino de línguas indígenas nas escolas indígenas e nas comunidades indígenas, é importante que façamos, mesmo de forma breve, uma retrospectiva histórica, para melhor entender as razões da reprodução, nos dias atuais, de uma prática de ensino dessas línguas.

Segundo os estudos realizados no Brasil, existem menos de 180 línguas indígenas, numa população indígena de 896.917 pessoas, pertencentes a mais de 230 povos (IBGE, 2010). Segundo Montserrat

Quatro são os grupos maiores de línguas no Brasil, com distribuição geográfica extensa e com vários membros: Tupi, Macro-Jê, Aruak e Karib. Há depois várias famílias menores, com menor número de línguas, distribuídas mais compactamente. E finalmente, há as chamadas línguas isoladas, que não revelam parentesco com nenhuma das outras e que poderiam alternativamente ser consideradas famílias de um só membro (MONTSERRAT, 1994, p. 95)

Contudo, a língua portuguesa é a que tem mais privilégio e é oficial. Desta forma, mesmo nas escolas indígenas onde há respaldo da legislação para alfabetizar na língua indígena, não é simples valorizar a língua da comunidade por meio de um ensino que priorize a língua local.

Vale dizer que a língua portuguesa só passou a ser oficial no Brasil por um ato legal em 1823, assinado por Dom Pedro I. Antes, a língua mais





falada era o Nhe'engatu. Para Luiz Gonzaga de Mello, “[...] a história é um cemitério de povos e nações, igualmente se pode afirmar que ela é um cemitério de idiomas ou línguas. Muitos destes desapareceram sem deixar vestígios, mormente aquelas que não conhecem a escrita” (1982, p. 452).

Num território em que se falavam aproximadamente 1.300 línguas diferentes, a dizimação linguística foi a principal estratégia para a dominação e o etnocídio indígena. Há casos, por exemplo, em que o uso das línguas indígenas foi proibido, como na província do Espírito Santo, sendo sujeito a punições como prisão, surra, e até mesmo a morte para aqueles que desobedecessem. Essa proibição advém do amparo dado pelo decreto pombalino, que tinha como objetivo fazer com que os indígenas deixassem de ser “bárbaros”, adotando nomes portugueses, enquanto as línguas indígenas fossem esquecidas (QUIEZZA, 2014)

Ao dialogarmos sobre a Interculturalidade das línguas, em particular com as línguas indígenas, devemos refletir em como ocorre esta relação, uma vez que a Interculturalidade nem sempre pode significar positivamente determinada questão. Para tanto, o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI (2005) adverte:

[...] quando se considera a sobrevivência das línguas indígenas, tem-se que pensar também em outras armas usadas contra elas e que foram e são tão perigosas quanto o genocídio. Uma das maneiras utilizadas por falantes de línguas dominantes para manter o seu poder linguístico é demonstrar desprezo pelas línguas minoritárias: é referir-se a elas como “gíria”, “dialetos”, “línguas pobres” ou “línguas imperfeitas” (BRASIL, 2005, p. 117).

Para colocar em prática o ensino de língua deve haver apoio institucional externo e interno; governamental (municipal, estadual ou federal) e comunitário. Neste contexto, a comunidade Pataxó do



Extremo-sul da Bahia vive em processo de revitalização de sua língua. Nesta empreitada, o maior apoio nasce e floresce nas escolas Indígenas. A comunidade Pataxó possui o português como primeira língua, mas o *Patxôhã* é a língua materna, e para fortalecer essa premissa, estão em processo de revitalização de sua língua.

Uma boa síntese para o trabalho desenvolvido nas escolas Pataxó pode ser retirada do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI (BRASIL, 2005, p. 118), “a inclusão de uma língua indígena no currículo escolar tem a função de atribuir-lhe o status de língua plena e de colocá-la, pelo menos no cenário escolar, em pé de igualdade com a língua portuguesa, um direito previsto pela Constituição Brasileira”. A língua plena é almejada e, a partir desse objetivo, a comunidade e a escola, de forma especial, têm somado esforços na construção de metodologias próprias, onde a cultura é o elemento central para os processos de ensino e de aprendizagem.

### 3. O POVO PATAXÓ E A RECONSTRUÇÃO DO PATXÔHÃ

O Povo Pataxó tem empreendido esforços na direção do fortalecimento de sua língua, inúmeras são as experiências desenvolvidas nas dezenas de aldeias espalhadas pelas terras indígenas deste povo. Professores(as), pesquisadores(as) e comunidade são incansáveis na construção de metodologias para o ensino da língua indígena Pataxó, junto ao grupo de pesquisadores Pataxó *Atxôhã*. Exemplo disso é Dona Zabelê (Luciana Maria Ferreira). Sobre a categoria “Pesquisadores Pataxó”, Bomfim (2014) coloca:

[...] a princípio, foi um termo apropriado, que utilizei para designar os Pataxó, conhecedores da escrita ou não, cujo papel é pesquisar, conhecer, registrar, na escrita ou na memória, os conhecimentos do universo sociocultural e histórico do povo Pataxó, para contribuir no fortalecimento da sua cultura, seja nas atividades desenvolvidas dentro da comunidade ou em outros espaços (BOMFIM, 2014, p. 130).

Nesta empreitada como pesquisadores Pataxó, homens, mulheres, crianças e velhos são protagonistas na reconstrução da língua. Neste sentido, cabe ressaltar, sobretudo, o papel dos troncos velhos das comunidades, que em suas memórias e oralidades são adubo no fortalecimento da cultura desse povo. E mostram como é palpável e concreto a questão da decolonialidade estar presente no processo de revitalização da língua (SEVERO, 2019).

Zabelê é um destes troncos velhos. Uma chama acesa da cultura Pataxó que ajudou a reconstruir e revitalizar o *Patxôhã*, a língua de desse Povo. Além disso, Zabelê resistiu bravamente, sempre reafirmando sua identidade étnica Pataxó, viveu na aldeia Tibá com os (as) demais parentes, sendo considerada por Cornélio Oliveira (1985) como a única falante que dominava o idioma Pataxó, o *Patxôhã*. Zabelê antes de falecer, sempre teve o cuidado de ensinar o que sabia da língua Pataxó, sempre reunindo seus filhos, netos, sobrinhos e outras pessoas que tinham o interesse de aprender, passando o valor que a língua Pataxó tinha para ela e para o povo Pataxó, isso permitiu que essa língua fosse repassada para outras gerações.

Figura 2 – Zabelê



Fonte. Acervo PUTXOP.

Zabelê criava suas próprias metodologias de ensinar a língua Pataxó para as crianças e os adultos quando a aldeia ainda era em Cumuruxatiba lá por volta de 1978. Ela não era professora formada em ensinar uma segunda língua, mas se saia melhor em todos os sentidos. Zabelê, em uma das suas artes de inventar metodologia para o ensino de língua Pataxó, teve a ideia de toda tarde reunir seus netos, sobrinhos e outras crianças da aldeia para contar histórias e cortar língua como dizia ela, mas sempre tinha a ideia de todas as sextas-feiras fazer uma grande fogueira em seu quintal de casa, assava peixe na patioba, fazia cauim, fazia beiju, farinha de coco e outros alimentos da culinária Pataxó, então fazia uma grande roda e

começava a cortar língua (falar na língua Pataxó) com as crianças. Todos tinham que prestar muita atenção no que ela falasse, porque depois ela voltava e perguntava o nome de cada alimento ali presente, todos teriam de responder a palavra certa na língua Pataxó sem pronunciar o português, se falasse errado não participava do banquete. Exemplo: *Hãwúy upú tapitá* (paçoca de banana).

A criança a quem ela perguntasse tinha que ir imediatamente pegar o alimento que ela estava pronunciando, se pronunciasse em português passava para outra criança, porque não podia. Para ela a língua portuguesa era a língua do homem branco.

A partir da entrada dos Pataxó no ensino superior, as pesquisas sobre ensino de língua ganhou também essa vertente de reflexão teórica sobre o ensino de língua e sobre a inovação que isso significa. Esses debates intensificaram a construção de saberes sobre a referida temática e colaboraram para a construção do papel da escola indígena neste processo de revitalização/retomada da língua.

Algumas questões foram levantadas, como a dificuldade de se revitalizar a língua em sala de aula, os valores culturais e a própria língua, uma vez que há o crescente uso da língua portuguesa em vários contextos, como por exemplo, em conversas formais e informais entre os próprios indígenas. Sabemos que para os Pataxó que falam a língua portuguesa no cotidiano, o desafio de construir propostas que retirem o *Patxôhã* da insuficiente carga horária disponível no currículo da escola é gigantesco. Nesta perspectiva, nas mais diversas escolas Pataxó, encontramos experiências com o trabalho do *Patxôhã*, cada aldeia à sua maneira vem contribuindo para a reconstrução da língua. Deter-nos-emos nas experiências com o *Patxôhã* na escola em que a autora Cristiane Oliveira atua como professora e gestora.



#### **4. O PATXÔHÃ NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA KIJETXAWÊ ZABELÊ**

A Escola Estadual indígena Kijetxawê Zabelê é uma homenagem a Dona Zabelê, hoje encantada (já falecida), que ainda muito jovem foi expulsa da aldeia Barra Velha por ocasião do “Fogo de 1951”. Naquela ocasião, grande parte de sua família se fixou em Cumuruxatiba. A escola Estadual indígena Kijetxawê Zabelê é uma conquista de um direito assegurado pela Constituição Federal de 1988. E foi criada pela Portaria de Nº. 1181 Código 29445213, em 25 de fevereiro de 2006, após intensas lutas e reivindicações do Povo Pataxó frente ao Estado pela Educação Escolar Indígena, intercultural, diferenciada e específica de qualidade.

A Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, no ano de dois mil e dezessete, passou de escola a Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê por ter sido contemplada com a criação do Ensino Médio. O colégio possui anexos em 6 (seis) aldeias, sendo elas: Aldeia Kai, Aldeia Tibá, Aldeia Alegria Nova, Aldeia Monte Dourado, Aldeia Dois Irmãos e Aldeia Renascer. Cada anexo apresenta suas peculiaridades, seus processos de subjetivação e contribuem com a construção do Ser Pataxó (SILVA, 2014). Esta escola pertence ao NTE 07 (Núcleo Territorial de Educação) Teixeira de Freitas–BA, sob a Coordenação regional da Pataxó Letícia Ferreira Carvalho. Atualmente o Colégio oferece turmas de Educação Infantil, ensino fundamental I e II, Ensino Médio, Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos (EJA), atingindo um total de aproximadamente 400 alunos(as).

A prática pedagógica de ensino de língua indígena Pataxó, na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, está relacionada com a cultura Pataxó, dialogando no currículo com as perspectivas e demandas do Povo Pataxó.

Na escola e em especial na comunidade aldeia Kaí, o que tem mais gerado discussões entre os professores e comunidade inclusive nas reuniões de pais e alunos é o ensino da língua indígena, que apesar de ter o professor de língua *Patxôhã*, possui limitações quanto ao processo de aprendizado da língua Pataxó. Na maioria das discussões, os pais e as lideranças questionam o pouco tempo que as crianças estudam o *Patxôhã*, tempo esse de apenas duas horas por semana. A situação do ensino da língua é de fato muito precária.

A Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, desde de que foi criada em 2006, sempre esteve ao lado do povo Pataxó das aldeias de Cumuruxatiba. Com a premissa da coletividade, a comunidade escolar vem tentando cada vez mais melhorar a metodologia do ensino da língua indígena *Patxôhã*. Há duas vertentes que se apresentam na maneira das pessoas se posicionem quanto ao ensino da língua: alguns acreditam que a língua *Patxôhã* deve ser revitalizada e ensinada apenas na escola, outros acreditam que deve haver interação entre comunidade e escola. Essa segunda tem a adesão da maioria das pessoas e será aqui defendida.

De acordo com a matriz curricular, o ensino da língua indígena na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê contará apenas com duas horas semanais em cada série (ano), o que para os professores é muito pouco tempo para assegurar o ensinar a língua *Patxôhã*. Portanto, não é uma escolha da comunidade, mas Influências externas na condução da educação escolar indígena (SPOLSKY, 2016). Desta forma, para que se assegure o que está definido na Constituição Federal de 1988 em seus Artigos 231 e 232 é preciso repensar a oferta do componente curricular. Esse formato escolhido fica latente como a língua indígena está sendo posicionada como uma língua



estrangeira, pois fica bastante parecido com o espaço que é dedicado ao ensino da língua inglesa (COSTA, 2014).

Partindo desse contexto, o professor de língua indígena Dário Ferreira (*Xôhã*) afirma:

É preciso envolver mais pessoas no ensino da língua indígena *Patxôhã*. Na maioria das vezes, pais e lideranças querem apenas que o professor de língua dê conta do recado, mas isso é impossível sem a colaboração de toda a comunidade sendo que a própria matriz escolar não dá mais tempo para trabalhar na escola o ensino de língua indígena.

Já o professor de língua indígena Pataxó, Ricardo Azevedo (*Xawã* Pataxó) diz: “É preciso começar criando pequenos grupos de falantes fluentes da língua Pataxó para daí desenvolvermos trabalhos da língua indígena nas escolas e nas comunidades”.

Trabalhos já realizados por outros professores da Escola Indígena Kijetxawê Zabelê mostram metodologias de ensino de língua Pataxó. Um desses é o trabalho de conclusão de curso para o Magistério Indígena desenvolvido pela professora Denilta Nascimento (*Jukunã* Pataxó). Nele, Jukunã discute como o ensino do *Patxôhã* na Aldeia Tibá vem sendo realizado a partir da composição de músicas Pataxó. Para Jukunã, a música Pataxó juntamente com o ritual do Awê tem possibilitado um maior aprendizado das crianças, dos jovens e dos adultos da língua (JUKUNÃ, 2011). Na mesma perspectiva apresentada por Jukunã (2011), Bomfim (2014) coloca:

A música é um elemento importante na vida do Povo Pataxó há muito tempo, por ser uma linguagem que permitiu “guardar” a memória da vida, da cultura do Povo Pataxó, podendo ser transmitida para os mais jovens e também como um elemento para o fortalecimento da identidade do povo Pataxó. Muitas músicas cantadas pelos mais



velhos eram na língua portuguesa, entretanto o interesse desses pesquisadores em trazer as palavras do Pataxó para a música constituiu mais uma estratégia para fortalecer a língua e a identidade Pataxó (BOMFIM, 2014, p. 136).

Observamos que a Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê vem buscando, junto aos professores e toda comunidade, metodologias para melhorar o ensino da língua *Patxôhã* na escola e na comunidade. No ano de 2014, foi realizada ‘A Feira de troca em *Patxôhã*’ para os professores de língua indígena. Nesta atividade, os professores deveriam trabalhar com as crianças, envolvendo toda a comunidade escolar nessa metodologia. Segundo o professor Ricardo Xauã Pataxó, em entrevista sobre a feira:

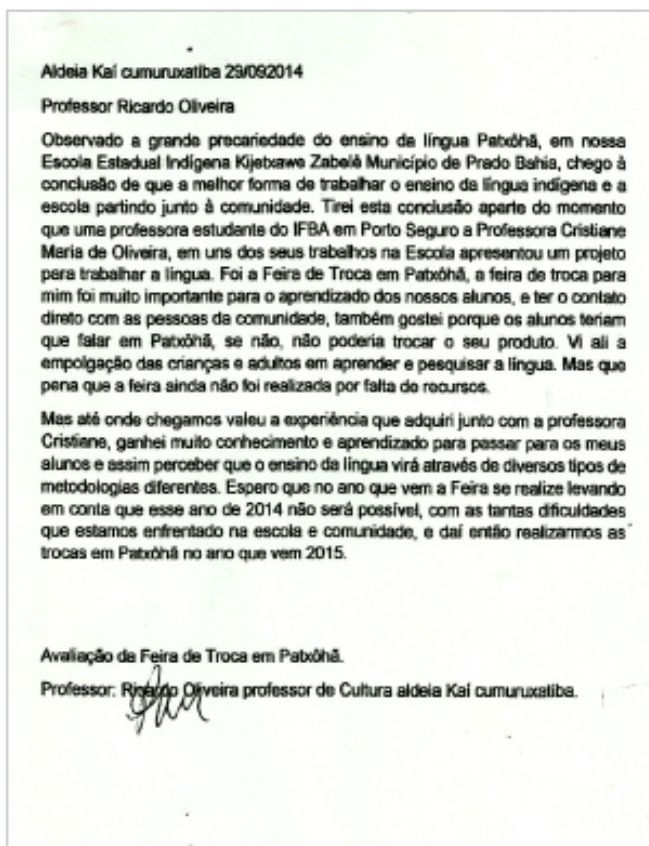
O professor deixa de ser aquele que passa as informações para virar quem, numa parceria prepara todos para que elaborem seu conhecimento. Em vez de despejar conteúdos em frente à classe, ele agora pauta seu trabalho no jeito de fazer os estudantes desenvolverem formas de aplicar esse conhecimento no dia-a-dia .

Podemos verificar na fala de Xauã uma postura pedagógica que vai contra a perspectiva da “educação bancária”:

[...] a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir ‘conhecimentos’ e valores aos educandos, meros pacientes à maneira da educação ‘bancária. (FREIRE, 1974, p. 78)

Neste sentido, a partir de uma perspectiva libertadora, Xauã parte de uma prática alicerçada na significação cotidiana, rechaçando o despejo de conteúdo, Segue abaixo um relato do professor Xauã sobre sua prática de ensino do *Patxôhã*.

Figura 3 – Relato do professor Xauã



Fonte: Ricardo Oliveira.

O relato do professor Ricardo deixa claro que a escola sem a comunidade não conseguirá promover um ensino de *Patxôhã* de qualidade. Para tanto, o mesmo assinala a necessidade de metodologias inclusivas comunitárias para o ensino do *Patxôhã*. É só pela via comunitária que conseguiremos promover a reconstrução da língua.

Além dessas metodologias, a Escola também trabalha em parceria com outros colaboradores, por exemplo, a Universidade Estadual da Bahia-UNEB e a Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM, CNPq, FAPESB, que juntamente com as comunidades Pataxó de Cumuruxatiba

criaram o “*Fappet Mãgute Pataxó - Caderno de Receitas da Cultura Alimentar Pataxó*”, que tem contribuído muito para a pesquisa dos professores em criar outras metodologias através das pesquisas no ensino de língua.

Figura 3 – *Fappet Mãgute Pataxó - Caderno de Receitas da Cultura Alimentar Pataxó*



Fonte: Elaborada pelos autores (2021).



Observamos o material construído a partir de pesquisa com os mais velhos das comunidades Pataxó de Cumuruxatiba. O Caderno tem iniciativas de diálogo com o *Patxôhã*, dialogando com a cultura alimentar Pataxó, contribuindo com a Segurança e Soberania Alimentar do povo.

Como já colocado neste texto, as metodologias de ensino do *Patxôhã* vem se desenvolvendo em meio a dificuldades quanto à falta de material didático específico para o ensino de línguas, sendo o material existente criado por pesquisadores/professores Pataxó do grupo *Atxohã*.

Vale compartilhar ainda as experiências do ensino do *Patxôhã* na Educação infantil, onde temos observado uma maior facilidade das crianças aprenderem e falarem no dia-a-dia de suas brincadeiras. Neste sentido, é comum encontrarmos pelas aldeias crianças de 3 a 5 anos entoando músicas em *Patxôhã*, demonstrando orgulho dos pais e demais membros das comunidades.

Vale dizer que o processo de revitalização do *Patxôhã* tem se dado de diferentes maneiras em cada aldeia, neste sentido, não há um modelo único de retomada linguística. Desta forma, como bem assinala Bomfim e Costa (2014), a revitalização de uma língua “[...] não pode também ser formatada dentro de um padrão único, há muitas vertentes para a revitalização, pois cada comunidade conta com suas especificidades linguísticas” (BOMFIM; COSTA, 2014, p. 17-18).

Os Pataxó estando em diferentes municípios baianos e ainda em outro estado brasileiro, Minas Gerais, carregam consigo essa especificidade da pluralidade linguística, própria de cada língua, mas ainda mais presente em línguas que ocupam espaço geográficos maiores. Mesmo com o grupo *Atxohã* à frente do processo, é possível perceber que há sempre muito empenho por parte dos pesquisadores para procurar assumir as características

linguísticas dos outros lugares pataxó. Da mesma forma, o ensino de língua não segue um único padrão, há várias maneiras locais de agir e construir alternativas próprias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se debruçar sobre a (re)construção de uma língua é uma tarefa envolvente, ainda mais quando se está trabalhando em conjunto com esse povo. Muitas das tarefas aqui descritas e discutidas somente foram acessadas a partir da memória da autora Cristiane Oliveira. Este fato tende a além de tornar o debate mais inclusivo e submerso nas atitudes da comunidade, mas profundo e com possibilidade de proporcionar mais retorno para o grupo.

O ensino do *Patxôhã* nas escolas Pataxó, em particular na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, obedece a uma reafirmação étnica e logo política do que significa ser Pataxó no Brasil, na Bahia, em Prado, em Cumuruxatiba. Território imemorial desse povo, saqueado e usurpado durante décadas como a língua.

Cada passo trilhado pelos(as) professores(as), pelos(as) anciãos(ãs) e pelo grupo de pesquisa *Atxôhã* significa luta no caminho do fortalecimento da identidade Pataxó. A escola Pataxó não teria sentido se não focasse no fortalecimento da cultura do povo. Esse povo tem consciência que a reconstrução não é uma tarefa simples, por isso está adotando, cada vez mais a premissa de a revitalização/retomada não ser uma obrigação somente da escola. Contudo, diante da ausência de políticas públicas para uma retomada linguística dos povos que tiveram suas línguas saqueadas durante séculos de genocídio étnico e linguístico, a escola ainda centraliza o diálogo e aglomera as ações para as retomadas linguísticas.



Pelas músicas, pelas receitas de Mãgute, pela etnomedicina, entre outras práticas, esse grupo revisita as memórias dos troncos velhos. Memórias que fornecem dados para os pesquisadores e se tornam a base para as atividades de ensino da língua. Os Anciões são os verdadeiros mananciais de cultura. O povo Pataxó se intitula povo de *Txopai*, e já brada orgulhoso que é falante do *Patxôhã*, sua língua materna e da língua portuguesa, necessária na relação com a sociedade não indígena. Afirma ainda que a identidade desse grupo perpassa essa interculturalidade e esse bilinguismo. Essa interculturalidade os torna fluxos contínuos de travessias, caminhos culturais que não se fecham e não se esgotam. “Somos misturas e recomposições. Somos *Patxôhã*!”<sup>5</sup>

Na busca de retomar o *Patxôhã* como língua materna de uso cotidiano, colocamos a comunidade como centro, mas não há dúvida que a escola será uma instituição com papel importante. Desta forma, observando o quanto é mais fácil as crianças menores aprenderem o *Patxôhã*. Essa comunidade tem reivindicado a autorização para implantação da Educação Infantil (creche e pré-escola) na comunidade, por entender que nesta modalidade de ensino há a possibilidade de começar a construir processos linguísticos baseados na construção do ser Pataxó.

## REFERÊNCIAS

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.

BOMFIM, A. B. *Patxohã: o processo da língua Pataxó no tempo presente*. In.: SANTOS, J. T. dos (Org.). **Discutindo Etnicidades: alimentação, afro-**

---

<sup>5</sup> Fala da autora Cristiane Oliveira.



religiosidade, percursos intelectuais negros, política linguística e adornos corporais indígenas. Salvador: EDUFBA, 2014.

BOMFIM, A. B.; COSTA, F. V. F. da. Revitalização de Língua Indígena no Sul da Bahia. In: BOMFIM, A. B.; COSTA, F. V. F. da (Orgs.). **Revitalização de Língua Indígena e Educação Escolar Indígena Inclusiva**. Salvador: EGBA, 2014.

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI**. Brasília: SECAD, 2005.

COSTA, F. V. F. da. Línguas e Línguas: mais especificidades do Nordeste indígena. **Pontos de Interrogação**, v. 4, n. 2, jul./dez. 2014.

ENGEL, G. I. Pesquisa-Ação. In: **Revista Educar**. Curitiba, n. 16, p. 181-191, 2000.

FORTIN, S. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. In: **Revista Cena**. Porto Alegre, n. 7, p. 77-88, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1974.

JUKUNÃ (Denilta Pataxó). **Areneá Patxohã: O Ensino do Patxohã na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê- Aldeia Tibá**. Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 2011.

MELLO. L. G. de. **Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas**, Editora Vozes, Petrópolis, 1982.

MONTSERRAT, R. M. F. Línguas Indígenas no Brasil Contemporâneo. In: GRUPIONI, Donisete Benzi (Org.). **Índios no Brasil**. Brasília: MEC, 1994.

OLIVEIRA, B. DE. Indigenous intercultural education and teacher training: a search for autonomy. **Cadernos de Linguística**, v. 1, n. 2, p. 01-19, 14 Oct. 2020.





PIMENTA, S. G e FRANCO, M. A. S. **Pesquisa em educação. Possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação.** São Paulo: Edições Loyola, 2008.

QUIEZZA, J. da S. **A Revitalização Linguística e o Fortalecimento da Identidade Cultural Tupinikim.** São Leopoldo: Oikos, 2014.

SEVERO, C. G. Das línguas indígenas: por um olhar decolonial em políticas linguísticas. **Revista Digital de Políticas Linguísticas (RDPL)**, v. 11, 2019, p. 143-158.

SILVA, P. de T. B. da. **As Relações de Interculturalidade entre Conhecimento Científico e Conhecimentos Tradicionais na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê.** Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

SPOLSKY, B. Para uma Teoria de Políticas Linguísticas. **ReVEL**, vol. 14, n. 26, 2016. Tradução de Paloma Petry. Revisão técnica de Pedro M. Garcez.

